



MEDIEVALISTA

N.º 30 | Julho – Dezembro 2021

ISSN 1646-740X

**GUERREIROS E MÁRTIRES.
A Cristandade e o Islão na formação de Portugal**

**WARRIORS AND MARTYRS.
Christianity and Islam in the Birth of Portuguese Nationhood**

(a) *Joaquim Oliveira Caetano*, (b) *Santiago Macias*

(a) Diretor do Museu Nacional de Arte Antiga

joaquimcaetano@mnaa.dgpc.pt

(b) Diretor do Panteão Nacional

santiagomacias1963@gmail.com

Data recepção do artigo / Received for publication: 6 de Março de 2021



Em 2019 passaram 800 anos da chegada a Portugal de um grupo de franciscanos italianos, que daqui partiram para o Norte de África, sendo martirizados em 16 de janeiro de 1220. Ficaram conhecidos como “Os Mártires de Marrocos”. O Museu Nacional de Arte Antiga decidiu incluir na sua programação de 2020/2021 uma exposição assinalando esta data, porque o acontecimento é bem mais importante do que a perda da vida destes cinco frades. Ele marca simbolicamente uma viragem na tipologia dos mártires cristãos, em que os martirizadores não são já os perseguidores romanos ou os bárbaros pagãos, mas a civilização islâmica, com quem o Ocidente se confrontava nas Cruzadas, nos lugares Santos do Mediterrâneo Oriental e, também, na Península Ibérica.

Ocorrendo num momento charneira da Reconquista – desde 1147, com a tomada de Santarém e de Lisboa, que o avanço cristão sobre o sul se tornava, a cada passo, mais notório – o episódio dos Mártires de Marrocos às mãos do poder almóada é, de facto, muito mais que um simples ato de vingança sobre evangelizadores vindos da Europa. Momento marcante nas relações entre a Península Ibérica e o Magrebe, é um episódio determinado pelas contradições políticas que envolvem os interesses da Coroa Portuguesa no norte de África, a ambição pessoal do infante D. Pedro (1187-1258) – filho de D. Sancho I e futuro conde de Urgel e rei de Maiorca – e as lutas internas entre várias fações marroquinas.

A canonização dos mártires cristãos de Marrocos vem a acontecer, não por acaso, na segunda metade do século XV, num contexto de guerra e expansão europeia no Norte de África e da reivindicação do estatuto de mártir para o Infante D. Fernando (o “Infante Santo”), cativo e morto nesse movimento de expansão. É neste quadro que se inscreve a promoção do culto dos Mártires de Marrocos, em representações artísticas e na devoção às suas relíquias, por parte de D. Afonso V ou D. Manuel I.

Guiada pelas manifestações artísticas que o culto dos Mártires de Marrocos motivou ao longo dos séculos, em Portugal e na Europa, esta exposição pretendeu refletir essencialmente sobre as formas de convivência e de confronto entre as duas grandes

religiões na crucial altura do estabelecimento de Portugal como nação. A exposição definiu um percurso que oscilou entre o retrato possível do quotidiano e da experiência religiosa, cristã e árabe, e a criação de elementos simbólicos essenciais para a caracterização do novo país – um dos quais, precisamente o dos Mártires de Marrocos, desencadearia a vocação franciscana de Santo António.

O espaço que a pintura de Francisco Henriques ocupou nesta exposição representa bem o que foi o martírio dos franciscanos e foi o ponto de arranque ideal para esta “Guerreiros e Mártires”. Os factos ocorreram pouco depois da conquista de Alcácer do Sal e antes dos cristãos se lançarem na derradeira etapa de conquista do sul. A primeira metade do século XIII é um tempo de confronto e de luta acesa no Alentejo e no Algarve. Depois da Batalha de Navas de Tolosa, em 1212, o poder almóada desabava, deixando à mercê dos cristãos o sudoeste peninsular.

Al-Mustansir sobreviveu menos de quatro anos ao martírio dos franciscanos. Faleceu, segundo um texto de Ibn Idhari, enquanto lidava vacas à noite, em Marrakech, em 12 de Dhu'l-Hijja de 620 do calendário islâmico (6 de janeiro de 1224 d.C.).

Quisemos, em seis núcleos, representar alguns dos aspetos mais significativos dessa época e sublinhar a importância do martírio, tanto como símbolo para a afirmação dos franciscanos, como pelo momento em que ocorre. Convidámos para participarem no catálogo historiadores e arqueólogos que a este período se têm dedicado, no sentido de fornecer uma perspetiva tão ampla quanto possível, e não necessariamente concordante, de uma época crucial para a consolidação do novo reino de Portugal.

1. Portugal na Espanha Árabe

O martírio de cinco franciscanos em Marrocos, em 16 de janeiro de 1220, ocorre em plena formação do reino de Portugal avançando para sul em território islâmico, confronto que vai definir o próprio sentido de unidade do país. A influência islâmica é visível na apropriação de objetos preciosos islâmicos para funções cristãs e na decoração de algumas peças de grande significado simbólico como a cruz de ouro de

D. Sancho. A imagem dos Mártires, estabilizada nos séculos XV e XVI, como se vê no painel de Francisco Henriques, é base de uma devoção popular, ainda bastante viva, observável na procissão de Travassô (Águeda).

2. Viver em tempos de cruzada

A conquista da cidade de Lisboa, ocorrida em 1147, marcou um momento de aceleração no progresso dos cristãos em direção a sul. No último século de domínio islâmico, e com todos os avanços e recuos, as cidades meridionais não perderam a sua dinâmica, nem o vigor económico e cultural. Os objetos que aqui podem ser vistos dão testemunho de uma realidade em que produções locais se cruzam com peças de importação. Contenção e sofisticação. O mundo representado na história de amor de Bayad e Riyad tem contraponto nas cerâmicas comuns das casas menos prósperas. Viver em tempos de guerra foi um jogo de tensões, que se prolongou na existência das mourarias.

3. Iconografia dos Mártires de Marrocos

Mesmo antes da autorização do culto dos Cinco Protomártires de Marrocos pelo papa Sisto IV em 1481, a iconografia e a devoção aos franciscanos martirizados em 1220 estava já popularmente difundida por ação dos Franciscanos, que com eles inauguravam a sua galeria de mártires. Em Portugal o culto e a iconografia (centrada no episódio do martírio) difundiram-se a partir do Mosteiro de Santa Cruz, onde se depositavam as suas relíquias, e pela associação da sua história com a vocação franciscana do principal dos Santos Portugueses, Santo António de Lisboa, dando origem a uma série de manifestações piedosas e de imagens eruditas e populares.

4. Guerrear

As muralhas, símbolo do poderio das cidades, estão ausentes nesta exposição. Temos presentes os ecos do que elas representavam. Os despojos das batalhas chegaram até nós com os virotes de besta e as pontas de lança, com os projéteis e os pendões de guerra. A Reconquista foi, a sul, decisiva para criar e sedimentar a lenda de Santiago Matamouros. O apóstolo teria viajado no tempo para uma providencial e decisiva intervenção na mítica batalha de Clavijo (844). No outro lado do sul, os tempos de guerra ficaram gravados na pedra. As obras em Évora e em Silves

testemunham uma época em que, desesperadamente, se tentava sustentar o avanço cristão.

5. Rezar

O príncipe nórdico Sigurd afirmava, no início do século XII, que Lisboa era uma cidade meio cristã, meio pagã. A coexistência, nem sempre pacífica, das três religiões do Livro era um facto. A Lisboa muçulmana tinha um bispo cristão. A igreja do Corvo, no Algarve, foi um conhecido local de peregrinação até, pelo menos, à segunda metade do século XII. À realidade das poderosas comunidades moçárabes respondiam os muçulmanos do sul, marcando presença na paisagem urbana com mesquitas como a de Lisboa, a de Mértola (aqui reconstituída em maqueta) ou pontuando a costa com espaços de oração e de vigilância, como os da Arrifana ou Sines.

6. Identificação de um país

A construção simbólica da unidade de Portugal faz-se em grande parte sobre o seu papel de reino cristão em oposição ao Islão. No século XV, após o desaparecimento do último reino islâmico da Península, com a conquista de Granada em 1492 e com a expansão territorial portuguesa para o Magrebe, a apropriação de elementos artísticos e culturais de produção islâmica tornam-se relevantes no gosto aristocrático nacional – azulejos, tetos de alfarge e cerâmicas de lustre metálico. Ao mesmo tempo, aos heróis da guerra somam-se as referências aos «santos do reino» como elementos que corporizam a identidade nacional.

Com cerca de 200 peças, de ourivesaria, cerâmica de luxo e comum, peças militares, tesouros monetários, pintura, iluminura, escultura, têxteis, marfins e artes do fogo, cedidas por museus, igrejas e coleções particulares portuguesas, espanholas, inglesas, alemãs e italianas, a exposição pretendeu ser uma reflexão profunda e atrativa sobre a diversidade cultural no território português no momento da nossa afirmação como país e abrir o conhecimento para a história comum de duas civilizações que, no Mediterrâneo Ocidental, têm tido uma convivência multiseular.



Fig. 1 – MNAA - Entrada da exposição. © S. Macias



Fig. 2 – Núcleo 1 – Portugal na Espanha Árabe.
Em primeiro plano, um óleo sobre madeira, de Francisco Henriques, *Mártires de Marrocos*, do Retábulo de S. Francisco de Évora (1508-1511). © S. Macias



Fig. 3 – Núcleo 3 – Viver em Tempos de Cruzada. Bocais de poço do período almóada (Alcalá, Madrid e Córdoba); Lápide da Sé de Lisboa (finais do século XIII-inícios do XIV), réplica em molde; Arcossólio da Sé de Lisboa (séculos XII-XIII). © S. Macias



Fig. 4 – Núcleo 4 – Guerrear. À esquerda, *Santiago Combatendo os Mouros na Batalha de Clavijo* (1520-1525), óleo sobre madeira do Mestre da Lourinhã; À direita, *Santiago Combatendo os Mouros* (primeiro terço do séc. XIV), réplica em molde (M. M. Palmela) do retábulo da Igreja Matriz de Santiago do Cacém. © S. Macias



Fig. 5 – Núcleo 6 – Identificação de um País. *São Teotónio (?)*, *Santo Franciscano* (c. 1470), óleo e têmpera sobre madeira, Paço de S. Vicente de Fora, Lisboa. © S. Macias

COMO CITAR ESTE ARTIGO / HOW TO QUOTE THIS ARTICLE:

CAETANO, Joaquim Oliveira; MACIAS, Santiago, – “Guerreiros e Mártires – a Cristandade e o Islão na formação de Portugal”. *Medievalista* 30 (Julho – Dezembro 2021), pp. 445-453. Disponível em <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt>.



Esta revista tem uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).